

Francisco Martins

(Professor do Quadro da Escola Secundária de Oliveira do Douro)

**Citação:** Martins, Francisco, "Donas Boto: um ignorado europeísta utópico", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 9, Edição Temática "Ano 2100" (2008). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

Toda a busca autêntica de sentido nasce de uma experiência e começa a consolidar-se pelo desejo. E se esse sentido configurar uma realidade, um mundo a formar-se longinquamente, ele só sobreviverá, por certo, pelo amor, pela paixão, que se constituem como a substância do sonho. De resto, como pensar utopicamente sem o calor da generosidade?

Foi assim que Donas Boto analisou e viveu os principais acontecimentos europeus do seu tempo, e foi, sobretudo, deste modo que idealizou uma Europa a formar-se politicamente como entidade supranacional. Com efeito, o nosso autor (1810, Ervedosa do Douro - 1890, Estremoz) teve, como nenhum outro português de então, o mais completo conhecimento experimental e intelectual da Europa. Foi exilado liberal em 1829, quando era já um brilhante aluno de Direito em Coimbra; conseguiu formar-se em Medicina por Lovaina; começou a compor no exílio a sua maior e mais significativa obra poética; e só regressou a Portugal no final da década de 40. Porque amava a sua "flor do Mundo" (Boto 1854: 336) – a Europa, a ponto de esta palavra ocorrer mil e uma vezes tanto na sua poesia como na sua abundante prosa de análise e de reflexão políticas –, ocupou o tempo livre a conhecer os grandes clássicos e os autores românticos europeus, sobretudo os das áreas da Poesia e da Filosofia Política.

Salientemos que o ideário político e social de Donas Boto integrava não apenas aquilo que no seu entender constituía o melhor dos principais pensadores políticos e utópicos, desde Platão a Kant, como também todos os textos da ética cristã, nomeadamente as exortações de Cristo relacionadas com o amor ao próximo e com as bem-aventuranças. De resto, como se depreenderá, a radicalidade da proposta evangélica teve um claro correlato ético-político no pensamento europeísta de Donas Boto.

Era de tal ordem a sua paixão pelas questões da Europa que, depois de acabar Direito em Coimbra, e vivendo retirado na sua aldeia altoduriense, acompanhava vivamente pela imprensa os maiores incidentes da vida social e política dos países hegemónicos do continente europeu. Conservava bem vivos na sua memória afectiva de exilado acontecimentos como a revolução monárquica de 1830 em França, o processo de independência da Bélgica e da Grécia, os motins dos operários em Paris e Lyon (1832) e, principalmente, a breve revolução de 1848 que "foi como um sonho que sonhou a Europa" (*idem*: 310).

Assim se explica que tenha pensado e sofrido, como nenhum outro autor português coevo, com os enormes danos morais, sociais, económicos, etc., provocados pela devastadora guerra da Crimeia que opôs a França, a Inglaterra, a Turquia e o reino da Sardenha-Piemonte à Rússia, entre Outubro de 1853 e Fevereiro de 1856. Donas Boto estava consciente das consequências negativas resultantes da permanência de uma nociva instabilidade político-militar e, consequentemente, social na velha e orgulhosa Europa. Não podia suportar que a sua *flor do Mundo* continuasse a ser, como tinha sido nos últimos tempos, um grande jardim em chamas. O continente que se vangloriava de ter criado a mais forte tradição humanista; de ser a vanguarda mundial da ciência, da técnica e da cultura; de ser o centro de irradiação do Cristianismo e de ter desenvolvido experiências democratizantes tinha, afinal, os seus principais países envolvidos na mais sangrenta das guerras, contando mortos por centenas de milhares.

Como é que um apaixonado poeta europeísta poderia ficar indiferente perante o terrível paradoxo de assistir ao monstro da barbárie a crescer no seio da Civilização?

Enquanto escritor, Donas Boto reage servindo-se dos seus dois domínios de eleição: a poesia e a teorização política. No primeiro domínio, inaugura em Portugal, em 1854, o conceito de poesia comprometida, ao afirmar lapidarmente: "A poesia é uma arma (...) é o meio mais poderoso da civilização" (*idem*: 10).

Todavia, o que mais ainda o distingue dos outros autores (nacionais e estrangeiros) é a sua vertente de analista político e pensador europeísta, propondo inclusive uma solução que inviabilizava futuros conflitos militares dentro do espaço europeu. De facto, ao dar-se conta de que o *Tratado de Paris*, de 1856 (ano em que acabara a guerra da Crimeia), era insuficiente para garantir um futuro de paz e cooperação entre os europeus, Donas Boto propõe, em 1857, a criação de uma **Federação dos Povos e dos Estados da Europa** que, à data, constituía, nas próprias palavras do autor, "a utopia mais nobre,

mais generosa e mais brilhante a que ela [a Europa] poderia aspirar no estado actual da sua civilização” (1857: 475).

Donas Boto defendia que apenas esta solução política evitaria a decadência do continente europeu. Só como federação (ou confederação, o autor oscila entre os dois termos) é que a Europa reuniria condições para continuar a ser o pólo mundial da força civilizadora, até porque, ao diminuir os gastos exorbitantes com os exércitos – “o cancro da Europa” (*idem*: 477) – diminuiria a pobreza entre os seus cidadãos, podendo assim apostar numa melhoria significativa da sua qualidade de vida.

O arrojo visionário de Donas Boto apresenta ainda dois outros aspectos originais. O primeiro prende-se com o seu conceito de Europa que englobava países geograficamente exteriores ao espaço europeu, desde que estes fossem monarquias representativas ou repúblicas. O segundo prende-se com a defesa de uma Europa fraternal e unida, capaz de integrar todos os indivíduos para, deste modo, fertilizar “todo o campo social” (*idem*: 478). E como hoje bem sabemos, não haverá nunca uma autêntica união político-económica da Europa sem a participação e o empenho de todos os seus cidadãos!

Fica aqui desenhada, em traços muito gerais, a proposta<sup>1</sup> de Donas Boto, uma solução verdadeiramente pioneira para a grave crise político-militar que a Europa vivia em meados da década de 50 de oitocentos.

Quase um século depois, o conjunto dos notáveis políticos de grande visão estratégica que fundou formalmente o grupo germinal da futura União Europeia acabou por confirmar (sem o saber) que a visão utópica de Donas Boto para a Europa fazia todo o sentido.

Termino, parafraseando-o: o mundo não o conheceu, mas ele cumpriu o seu dever!

### Referências Bibliográficas

Donas Boto, Luís Maria de Carvalho Saavedra (1854), *A Lira do Douro*, Porto, Tipografia de António José da Silva Teixeira.

Donas Boto, Luís Maria de Carvalho Saavedra (1857),<sup>2</sup> *A Lira do Douro*, Porto, Tipografia de António José da Silva Teixeira.

---

### Notas

<sup>1</sup> Para obter mais informações sobre a proposta de Donas Boto para a Europa cf. Martins, Francisco (2008), “Donas Boto: no coração do tempo, à margem da cidade”, in *Donas Boto – Português Poeta Primeiro Ideólogo Moderno da União Europeia*, Chaves, Ed. Tartaruga.

<sup>2</sup> Este livro chegou até nós com duas datas, cada uma correspondendo a uma página de rosto diferente. Aos exemplares sobranes da primeira edição era, à época, frequente certas tipografias anexarem no final novas páginas acrescentadas pelos autores. Completavam o trabalho compondo uma página de rosto e uma capa originais.